

Carne é sangue. Por trás da cortina surrada e transparente vejo Marquesa do outro lado da praça dentro de um pequeno quarto com luzes ovais, fachos desmaiados que em sua quase totalidade alcançam o teto, então o pequeno quarto onde vejo Marquesa pelo lado de cá dessa cortina surrada parece uma tela de TV como o fundo de uma piscina azul esverdeada. Isso faz com que toda vez que Marquesa em miniatura se aproxime do homem que adquiriu no bar da esquina - também do outro lado da rua, a sombra dos dois corpos ainda vestidos se projete na parede como uma holografia que será diluída no máximo vinte minutos depois. Marquesa não sorri. Imensamente negra por fora e negra e vermelha por dentro, da mesma cor do seu bolero de arminho. Não beija na boca nem na vida real nem quando sonha tendo certeza que jamais encontrará algum tipo de amor a granel. Marquesa virou-se para o lado de cá da janela e quase olhou. Então pude ver os olhos do fotógrafo por trás da lente e sua visão enternecida sobre os homens e os deuses. Como Marquesa não tem ilusão nenhuma e é homem em apenas uma parte dos seus dias, foi sua fotografia que me revelou que nenhum de nós seria capaz de entender porque seu corpo era como uma imensa rocha, negra, e que subindo lá no alto poderíamos avistar o mar. Então entre a janela desse hotel onde vejo por trás da cortina surrada a outra janela do outro lado da rua onde Marquesa está, deu para ouvir o homem perturbado que cruzava o asfalto gritar e cortar como uma navalha no músculo o meio da noite: “Ele é como eu e eu sou como ele é”. Depois Marquesa apareceu na esquina antes do primeiro menino com o revólver de mentira. Antes duas vezes antes do menino com o revólver de verdade. Havia descido para comprar Ali. Mas Ali havia atravessado a rua para comprar outra coisa que não era o corpo de Marquesa. Então Marquesa ficou na esquina, embaixo do luminoso vermelho, entre o menino com o revólver de brinquedo e o outro com o revólver de verdade. Dois revólveres, oito balas. Três de mentira, cinco de verdade. Nenhum deles dizia alguma coisa: apenas faziam parte daquela encruzilhada. Ali voltou com as mãos tremendo e os olhos molhado pela água da chuva. Atravessou por entre as duas árvores e as faixas de pedestres como duas nesgas de areia branca. Encostou-se à esquina do outro lado da rua. Marquesa não estava. Era dentro dela que Ali gostaria de passar o resto da noite e sonhar que lá de cima, do alto da rocha negra poderia tocar as estrelas, ver a cidade amanhecendo como se estivesse dentro de um helicóptero: os arranha-céus vistos do alto, as avenidas como pequenos riscos finos de solidão, os transeuntes como bolas de gude caminhando entre partidas e chegadas. Estava assim, lá no alto da rocha negra sonhando com o helicóptero quando ouviu o disparo e a voz de Marquesa gritar: “As rosas já estão murchas. Por que você não senta?”.

Diógenes Moura

Escritor | Curador de Fotografia | Editor